

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Minhas amigas, a chuva que entristeceu os dias da semana passada foi a guarda avançada do Inverno, que por ahí anda já a pôr em effecividade de serviço quanto cobertor e capote estava atirado para o canto, ha cerca de seis mezes. Estamos no tempo frio, o qual muito tenho sentido aqui neste Andarahy, não obstante ser o terreno pouco humido, e o logar bastante guarnecido de massas de granito. Quando aqui estou não deixo de agazalhar-me como posso; mas nas reuniões a que tenho assistido nesta semana, imito as minhas interessantes amigas combatendo o frio que me impressiona com a impressão da valsa ou da schottisch.

Eu vos digo onde o tenho feito.

Sabeis que a *Regata* annunciada para o dia 17 fôra transferida para o dia 21 do corrente; que nesse primeiro dia houve no bairro de Botafogo muita concurrencia durante a tarde, e que á noite dançou-se e se esteve em companhia em quasi todas as casas desse logar; mas a transferencia da *Regata* motivou que todas essas companhias se repetissem ainda com maior animação, na noite que succedeu á distribuição dos premios dos vencedores das corridas. Ah! comparei eu, na segunda feira; senti bastante frio e o ar estava humido; não me era licito estar encapotada, não isso me convinha; os refrescos não me abrigavão desse ar; então foi-me forçoso

dançar. Não vos parece que fiz bem? Ao menos não me arrependo de haver promovido a transpiração em uma longa e rapida valsa. A fadiga produziu-me somno (porque eu não estava preocupada), e passei o resto da noite ás mil maravilhas.

Na noite de terça-feira fez a Sra. Guimard o seu beneficio no theatro lyrico. Ah! não dancei eu, (nem era capaz de o fazer), mas vi dançar a beneficiada e todo o corpo de baile; e apenas me contentei com o agazalho que sentia no camarote, enquanto a Sra. Charton me prendia os sentidos com os seus maviosos gorgeios. Pareceu-me nessa noite que ouvir cantar bem tambem aquece, ou pelo menos faz que não se sinta o frio.

Seguiu-se a esta noite, a de quarta-feira, (que novidade!); mas foi uma noite em que o Sr. Inverno se viu derrotado pelo furor dançante que se desenvolveu em dous salões animados por bom numero de elegantes senhoras, e ornados por lindos e engraçados *toilettes*. Houverão, portanto, duas reuniões nessa noite: uma foi a da sociedade *Recreio dos Militares*, no salão do Paraíso. E era realmente um Paraíso, essa companhia onde tantos anjos voltejavão, adçando flôres, e exhalando dos peitos o ar... suspiros... risos... ambrosia... tudo quanto quizerem os poetas...

Se eu fora homem havia ser poeta, ainda que á força, para dizer muitas cousas bonitas nesta chronica.... Mas... então não a escrevia eu.... Não importa: escreveria outra qualquer poetice, como melhor me parecesse.

Fallando da noite de quarta-feira, e tendo dito que houverão duas reuniões, uma das quaes está declarada, e sobre que nada mais direi, por que teria de repetir todos os elogios de que já está farta a sociedade sobre a delicadeza e cavalheirismo dos socios, e sobre o bom gosto e esmero da sua digna directoria; qual foi então a outra reunião?

Bem adivinhaes que foi a sempre interessante partida semanal do *Club Fluminense*.

Comquanto o baile dos Militares distrahisse desta companhia algumas das minhas interessantes amigas que ahí são mais constantes, esteve a partida abrilhantada por bom numero de senhoras, que tambem não derão occasião a que o Inverno se entretivesse com ellas: corrião em valsa com tanta rapidez que não pôde elle por certo chegar-se a nenhuma senão na porta da rua por occasião da saída. Não me aconteceu o mesmo a mim no salão do Paraiso, que fui victima de sua perseguição tão grande que não

me abandonou sequer na caleche, enjas vidraças estayão fechadas, e só fugio de mim quando me escondi nos lençoes do meu leito.

No *Club* tocou, nessa noite, o joven Sr. Buarque uma linda phantasia em piano, e mais uma valsa e uma quadrilha que foram bem aproveitadas pelos pares que as dançaram.

Não parou ainda aqui o que houve na semana. Havendo sido transferido o beneficio do Sr. Bouché, anunciado para a noite de 23, quando muita gente se preparava para ouvir as bellezas da opera *Anna Bolena*, foi á scena novamente o eximio artista, Sr. Ferranti, na opera *Barbeiro de Sevilha*. Bem avaliaes como foi recebido pelo publico o cantor estimado.

Hoje, 27, haverá uma reunião da qual vos darei noticia no proximo domingo, quando vos fallarei tambem do beneficio do Sr. Arnaud, que deve terlogar na terça-feira, no salão do theatro Provisorio.

Esperai portanto pelo domingo, e então conversaremos mais se me achar eu de melhor humor do que me sinto hoje por causa do tal sujeito — o Inverno.

Alina.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE SOIRÉE. — Vestido de nobreza de listras lavradas, saia lisa, corpo liso de cintura redonda, pregas no peito e enfeitado de uma *bretelle* de fita que vem até á cintura, acabando por um laço; laços nos hombros e adiante do corpo.

Penteado com uma barba de renda preta.

VESTUARIO DE BAILE. — Vestido de seda azul

lavrado de prata, a saia é enfeitada dos dous lados com um fôfo de filó bordado de perolas e umas flores de veludo e perolas; corpo liso de bico adiante e atras, pregas de setim branco no peito, uma *bretelle* de flores iguaes ás da saia e ramo no peito.

Penteado em *cache peigne* de flores de veludo e perolas.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 20.)

PARTE TERCEIRA.

I.

De como o marquez não quer casar com Jarilla.

No quiero decirlos mas
Non esto de mi amor salgo:
Mas adviértelos mi lengua
Vuestro amor y mi agravios.

ROMANCERO.

Farece que havião adivinhado que o bom do poeta Santilhana não era inclinado ao matrimo-

nio, á azafama com que D. Ignez dispunha tudo para a cerimonia. Jarilla nada sabia, e D. Inigo meditava no partido que tomasse. A terrivel portugueza havia tomado o marquez e as suas damas como testemunhas da surpresa daquella noite, e sem tornar-se indigno de calçar esporas, não podia negar a sua mão á donzella affrontada. Aquillo de calçar esporas era um grande recurso; nos tempos antigos, para as damas em disponibilidade, porque compromettia os cavalheiros a offerecer a sua mão, por mui pouco que lhe escorregasse o pé.

Neste seculo em que todos calção esporas, houvera sido mui difficil a D. Iiguez arranjá a supradita bóda, pois que julgando tratar com um cavalleiro, topára com um pícaro; pelo que, concluo que o seculo XV era muito mais favoravel aos casamenteiros do que o seculo XIX; desgraça não pequena para o Santilhana, que resolva ser cavalleiro sem ser marido, e que tinha que fazer demasiadas correções na cantiga da vaqueira, para que podesse entregar-se aos cuidados domesticos.

Estava pois desesperado, passeiando no seu quarto, e revolvendo na imaginação uma immensidade de idéas qual dellas mais extravagante. Uma vez occorre-lhe desafiar o marquez para provar que a donzella está innocente, e que não ha mister de um sacrificio como é o de casar-se um poeta. Casar-se um poeta! Ah! os melhores versos escreverão-se no celibato! Outras vezes lembra-lhe fallar á donzella para que recuse a sua mão, chegado o momento fatal.

Até que alfin decide-se a consultar o príncipe, e pedir a sua intervenção. Neste proposito, dirigiu-se ao seu quarto de cama, escutando á porta para observar se já estava accordado.

— Entra, disse D. Henrique quando o sentiu, abre essa janella. Quero vêr as terras d'além.

Abriu o poeta a janella, e acercou-se do leito com ar compungido.

— Que tens, perguntou S. A. com o sorriso epigrammatico, que certamente não tinha herdado de D. João II; escapou-te algum consoucto?

Não havia cousa que tanto mortificasse o Santilhana, como as allusões do príncipe á poesia. No templo sagrado das musas quizera o Santilhana, que todos, mesmo os príncipes, entrassem com a cabeça descoberta. Este sarcasmo continuado para com o que tem o dom de fazer versos, esta especie de jovialidade que inspirão os poetas aos que não gostão da poesia, é um martyrio para os que de boa fé se entregão á arte. E por desgraça, os zangões que se'n duvida nascêrão em torno do primeiro poeta, tem-se reproduzido, de seculo em seculo, com tanta fecundidade, que já o Santilhana os não podia soffrer; que faria se vivesse agora!

Não era dos menos importunos o herdeiro de Castella, quando se tratava de consoantes. Para elle os poetas fazião o effeito dos jograes, tal era a hilaridade que lhe excitavão sempre os versos. Nunca podia ser, porém, menos a proposito, porque o poeta estava de pessimo humor.

— Pouco me importão os consoantes, redarguiu. São cousas de mais momento as que me affligem agora.

— Olé! não me consta que tu te mortifiques a não ser com o fuga de algum consoante; não o seguraste bem, safou-se-te! Deita-lhe um falção, acrescentou com sorriso infantil, que acabou de encordoar o poeta. Mas, agora reparo, que cara com que tu estás, Santilhana; foi uma copia inteira, que te esqueceu?

— Senhor, folgo que V. A. esteja tão alegre; por isso peço licença para me retirar, porque eu é que não posso estar satisfeito!

— Alto lá! exclamou D. Henrique com um gesto de futuro despota. O Sr. marquez não quer que eu ria?

— Senhor, é que estou mui afflicto... Succedeu-me um caso singularíssimo... Se V. A. quer prestar-me attenção, eu o contarei.

— Conta, conta, que eu pello-me pelas cousas singulares. E o príncipe sentou-se na cama meio nã, e encostou a cabeça á armazón.

— Ilontem á noite, quando daqui sahi, disse o poeta, achei no meu quarto uma rapariga...

— Vestida de branco? exclamou o príncipe, irreflectidamente...

— Vestida de branco...

— Coroadá de flores?

— Pois V. A. viu-a?

— Continúa, continúa...

— Parecia muito agitada, chorava a bom chorar, e quando fugiu para a porta, feriu-se, e desmaiou...

— E respeitaste-a, bradou D. Henrique com os olhos a schispear-lhe de inveja, e de volupia.

— Eu sou nobre e cavalleiro, replicou Santilhana com dignidade.

— E que lhe fizeste?

— Acompanhei-a ao seu aposento.

— E depois?

— Surprehendeu-nos a se'nhora do castello.

— Quando?

— Quando me despedia della.

— E que mais?

— Disse-me que aquella donzella estava de baixo da sua protecção, e que havendo-me surprehendido a seu lado, aquellas deshoras, devia, como cavalleiro...

— Casares com ella?

— Justamente.

Soltou D. Henrique uma tremenda gargalhada; o marquez, esse estava envergonhado de tão mal cabida hilaridade.

— Digo-te que é uma historia muito divertida essa, exclamou D. Henrique, depois de se ter fartado de rir. Trazem-me as raparigas ao quarto, e procurão-te a ti para marido!

— Senhor? que diz! Ah! por piedade!

— Não ouviste hontem, á noite?...

— Sim! Sim!

— Era a tua mulher... quero dizer, era a que ha de ser tua mulher!

— Nunca! nunca! Céus, que horrivel castello!

— E quem ha de ser o padrinho?

— Nunca! nunca! repetiu Santilhana, louco, desesperado, medindo o aposento a largos passos.

De repente parou, e tomando uma resolução energica, sahiu, dirigiu-se a D. Iiguez, e pediu-lhe uma entrevista com Jarilla.

(Continúa.)



POESIA.

EU TE DEI MEU AMOR !

I.

Eu te dei meu amor Leóntine,
Porque amor me inspiraste ao te ver,
Porque acho teus olhos mais bellos
Do que estrellas no céu a correr !
Um sorriso só teu me eletrisa,
E tudo eu só deixo por ti;
Pois do fogo de amor suavisa

Esses labios,
Só de Anjo,
Se sorri!...

Nunca escravo de amor jámais fui,
Sonhava um dormir socegado;
Mas encaixos só teus—tão mimosos
Me tornarão de amor captivado !
E que vi-te—um Anjo celeste,
Amor me doando em ventura,
E amor em teus olhos me deste,

Lindos astros
Amorosos
De candura!

II.

E se a brisa gemendo,
A tarde a fugir,
E a folha já secca
Do ramo a cair,
E a onda tristonha
Na praia a morrer,
E a triste roliha
No ninho a gemer
Amor—só amor
Parecem dizer !
Recorda ó donzella,
Que amor só por ella
Tem pobre cantor !

Cajú, 12 de Fevereiro de 1855.

I. R.



NOTE.

*Um pensamento de morte,
Uma lembrança de amor,
Uma esperança perdida,
Eis o que faz minha dor !*

IMPROVISÓ.

Nesta vida só de dores,
Perseguida pela sorte,
Só tenho na minha mente
Um pensamento de morte !

Nem pôde dar lenitivo
A' minha cruenta dor,

O sentir no coração
Uma lembrança de amor !

Pois descrente, entre suspiros
Vou soffrendo a triste vida,
Chorando continuamente
Uma esperança perdida !

As dores d'uma saudade
O passado e seu amor,
Eis o que faz-me infeliz,
Eis o que faz minha dor !

Cajú, Março de 1855.

Eulalia M. dos S. Pereira.



LE MONITEUR DE LA MODE

25 Avenue Rue de Richelieu 23



Directeur M. Chapon
Propriétaire M. Chapon
Rédacteur M. Chapon
Administrateur M. Chapon
Imprimeur M. Chapon
Commissaire M. Chapon
Conseil d'Administration M. Chapon
Directeur M. Chapon
Propriétaire M. Chapon
Rédacteur M. Chapon
Administrateur M. Chapon
Imprimeur M. Chapon
Commissaire M. Chapon
Conseil d'Administration M. Chapon

UM SUICIDIO POR AMOR.

(Continuado do n.º 20.)

XV.

Pela mesma razão pela qual damos tratos á imaginação para ganhar a palma juncto do objecto amado, tortura-se o pensamento para achar o meio de romper uma união tornada emcommoda. Era nesta interessante descoberta que Frederico passava a maior parte do seu tempo,

Elle foi procurar o seu amigo Edmund.

— Bem quizera eu disse-lhe elle entrando, ter agora os versos que fizeste ha dous mezes.

— Para que?

— Porque eu não os mandaria.

— Eu não te aconselhei que te casasses.

— Porque?

— Porque attenta a impossibilidade de desligar-se de uma legitima esposa, deves viver muito desgraçado.

— Eu já o sou. Como separar-me de Leocadia?

— Já estás nesses termos?

— Absolutamente.

— Nós pensaremos.

— Pensemos já.

— Eu não tenho sortimento de espertezas preparamo com antecedencia.

— Então vem almoçar commigo amanhã. O vinho de champagne, que te dicta tão bons versos, talvez te inspire alguma boa idéa.

— Está dito.

Então os dous amigos se despedirão apertando-se as mãos, e sorrindo-se.

Durante este tempo, Leocadia com a cabeça inclinada na pequena janella oval do seu quarto de dormir, olhava para os dous extremos da rua, esperando ver chegar Frederico, que ella esperava desde a manhã.

XVI.

No dia seguinte achamos os nossos heróes nessa mesma margem do Doubs, que o nosso leitor conheceu na época do desespero amoroso de Frederico.

A esquerda, o rio; á direita os flancos da cidadella; em baixo, á distancia, a pequena cabana da velha. Como da primeira vez, é a hora em que o sol desce por detraz dos muros carcomidos da cidadella; as flores tem perfumes e a brisa tem harmonias, e se senecas por entre as vinhas algumas folhas purpuras e douradas, vós nos evitareis a mim uma descripção nova, e á vós proprio a pintura de uma paisagem que já conhece. Em lugar de estarmos no meiado de junho, estavamos no fim de agosto: era a unica differença.

— Lembra-te, disse-lhe ella com sua suave voz, d'aquelle dia em que não podendo resistir mais aos soffrimentos de um amor desconhecido, quizeste matar-te? Um sorriso imperceptivel recion os labios de Frederico.

— Lembro-me, respondeu elle.

— Era em uma bella tarde como a de hoje. Ouvia-se como hoje o murmurio da agua e o canto dos passaros... E olha demos, ainda alguns passos e chegaremos ao logar onde estiveste desallecido sobre a areia

— E' verdade. Eis ali a ponta do rochedo que serviu de tão grande soccorro a esse pobre Edmundo que estava arriscado a largar-me

— Tu me amavas então muito!

— E agora!

— Agora, se tu ainda me amas, Frederico, não m'o provas.

— E que devo fazer para te dar a prova incontestavel do meu amor para commigo?

— Bem pouca cousa: olhar-me com menos indifferença, e não achar tão longos os momentos que passas juncto de mim.

Toda esta conversação tinha logar caminhando a passos curtos, ternamente accentuada por Leocadia, e murmurada, por assim dizer, por Frederico, que com uma mão no bolso da sua calça, parecia estar o mais impertinente mente incommodado que era possivel imaginar-se.

— Então, começou elle:

— Mas realmente, senhora, eu não a compreendo.

— Senhora!

— Perdão, minha cara Leocadia; mas emfim tu não exigiras que me lançasse á agua todos es dias.

— Certamente não te passaria hoje pela cabeça semelhante phantasia.

— Pensas nisso?

— Não brinques, Frederico, com taes lembranças. Tuas palavras queimão, e teu tom é glacial.

Durante esta phrase de Leocadia, Frederico havia experimentado o ar, e provado por assim dizer o grau de temperatura. Pareceu satisfeito do resultado da sua experiencia.

— Como as mulheres são cegas ou ingratas! repetiu elle (mas desta vez com ar emphatico). Riem-se quando são amadas; despedem-nos quando são adoradas; duvidão de tudo, quando são idolatradas.

— Queixas-te, Frederico, isso é máo.

— Duvidas de mim, Leocadia, isso é atroz.

— Eis o logar em que, ha dous mezes, tu me tornaste ao mesmo tempo a mais feliz e a mais desgraçada das mulheres; a mais desgraçada, porque te julguei morto; a mais feliz, porque me vi amada.

— Eis o logar que será para ti duas vezes sagrado ou duas vezes insupportavel. Aqui procurei a morte porque não me amavas; aqui, vou ainda procurar-a porque me não acreditas.

Leocadia olhou para Frederico: tinha elle o semblante tão tranquillo, e havia tal discordancia entre o sentido de suas palavras e a expres-

são de sua physionomia, que ella voltou-se fria-
mente levantando os hombros.

— Zombas de mim, disse ella.

Mas apenas havia ella deixado o braço de Frederico, ouviu na agua o barulho de uma queda. Voltou-se como que movida por uma móla. Ninguém mais estava junto della.

XVII.

Leocadia sentiu o seu coração desfallecer, e um suor frio correr em grossas gottas pela sua testa. Inclinou-se sobre si mesma e deu um grito.

Quando ella olhava para o rio com a boca aberta e os olhos pasmados, viu apparecer á flor d'agua uma cabeça, depois um braço, depois uma espada..... ganhando o corpo o meio do Doubs por um movimento maravilhosamente executado. Ah!, o nadador mergulhou, tornou á superficie, e umas vezes de um lado, e outras vezes do outro, executou todas as habilidades que costumão fazer os professores da arte de natação. Algumas bracadãs vigorosas o approximarão da margem, e ah!, levantando fóra da agua até á cintura; á maneira das seréas da antiguidade, tirou do bolso do colete um pequeno canivete, que elle abriu com precaução, e poz-se delicadamente a cortar as unhas.

— Como vos parece que elle nada? Murnurou uma voz ao ouvido de Leocadia.

— Esta voz era a de Edmundo.

— Mas desde quando? Perguntou ella olhando para Edmundo!

— Ora! ha doze ou quinze annos, penso eu. Nós já eramos da primeira força no tempo de collegio.

— Leocadia, gritou Frederico, que não perdia uma palavra do que se dizia tão perto delle, queres que torne a fingir o afogado?

E passando logo á fazel-o, deixa-se ir docemente pela agua abaixo, com a cabeça cabida, com o corpo sem movimento, como o bello Leandro no quadro de Gerard.

Leocadia nada respondeu. Em um momento havia ella calculado o odioso trauma de que havia sido victima, a inqualificavel impertinencia deste homem que ella tanto havia amado. Por um instante, ella concebeu o pensamento de se lançar tambem ao rio, mas com dous homens como os que ahí estavam, teria feito uma rudi-cula tentativa, pois que elles não lhe darião provavelmente tempo para perder os sentidos.

Não respondeu ella, mas lançando sobre Frederico e sobre Edmundo um olhar profundo e cloquente, pois que muito tinha que lhes exprimir, dirigiu-se apressadamente pelo caminho da cidade.

No lugar que ella deixára, Edmundo ajuntou os pedaços de um chapelinho de söl, cujo cabo de marfim estava quebrado em tres.

— Os innocentes pagão pelos culpados! disse elle com voz contristada, considerando dolorosamente estes tristes restos. Frederico, vamos depressa: lenho para ti vestuario enxuto na cabana, e sabes que ás 8 horas somos esperados em casa de Kleim para festejar a tua liberdade.

Kleim é um restaurante celebre de Besançon. Ora, são 7 horas e meia. Apressa-te.

— Meu amigo Edmundo, respondeu Frederico, ganhando terra, se tu não fosses poeta eu te proclamaria grande homem por me haveres inspirado esta victoriosa idéa de agua cheia. — O teu estylo não vale a tua imaginação, senão eu te faria imprimir á minha custa. Esperando, vamos ceiar.

XVIII.

Eis ahí o que me agrada, me direis vós, a vossa conta não é grande, e tanto melhor; gastastes menos tempo em escrever, e temos nós tido menor desprazer em a ler, e vos ficamos muito obrigados. Mas porque háver feito de Leocadia uma excentrica?

— Meu respeitavel leitor, eu teria direito de vos responder que sois muito curioso, e que fiz della uma excentrica com o mesmo desembaraço com que a teria feito duqueza ou rapariga do poyo, se tal tivesse sido o meu desejo: mas eu sou um tólo, e de bom grado dou a razão das cousas, comtanto que eu proprio a saiba. Escutai-me pois.

Fiz de Leocadia uma excentrica:

1.º Porque não teria sido verosimil que uma outra mulher que não fosse uma excentrica se deixasse seduzir por versitos bem rimados de um poeta de encomenda. As mulheres tem em geral muito bom senso para comprehender os versos, e portanto para se deixar encantar por elles.

2.º Porque — (e eu vol-o teria informado em tempo se não me interrompesseis), Leocadia antes de entrar em casa, na tarde do dia memoravel que lhe havia custado a dupla perda de um coração de homem e de um chapelinho de sol novo, tinha comprado um masso de pennas, um frasco de tinta, e meia resma de papel.

Ora, importa-vos tanto como a mim saber o que pretendia ella fazer com estes preparos. Eil-o:

Ella conservou-se um outono e um inverno inteiro sem sair de sua torre gothica, occupada em contar hora por hora suas intimas emoções, desde o dia em que perdeu o seu primeiro dente até aquelle em que perdeu o seu bem amado. A obra intitulou-se:

UM RISO ENTRE DUAS LAGRIMAS,

OU MEMORIAS SECRETAS DE UMA MULHER MORTA,

e contém o valor de 5 volumes em oit. Que riso! Felizmente estais prevenidos, e Leocadia vive e viverá ainda muito tempo, segundo todas as apparencias, porque a esta hora está ella gorda, o que muito a desespera.

XIX.

Em casa de Kleim tudo se passou em regra. Foi-se obrigado a conduzir Frederico, que,

tendo empreendido provar aos seus convivas que um homem pôde consideravelmente beber sem se afogar, acabára rolando por baixo da

mesa, á força de proseguir no victorioso argumento que lhe offercia o seu copo.

C. D.

VARIÉDADE

O Nariz.

(Continuado do n. 20.)

As organizações as mais felizes se fazem muitas vezes notar pelo seu grande nariz aquilino ou ão, formando quasi o terço da face em altura e o quarto da totalidade da cabeça. O bello elmiã de Athenas e de Roma, os costumes republicanos, a vida dos campos, do gymnasio e da arena, tornavão este caracter assás familiar nas physionomias gregas e romanas; e mesmo esses grandes povos que nós escolhemos para modelos em quanto conservámos a orgulhosa esperança de os exceder, olhavão o nariz de que se trata como o unico compativel com a magestade dos deozes e dos herões.

Contudo é raro encontrar, nos nossos modernos tempos esses narizes perpendiculares, que os artista gregos tinham o costume de dar ás suas estatuas e isso mesmo seria um aperfeiçoamento e uma fortuna, acreditar-mos em Lavater; pois que este author pretende, *que um nariz não é physionomicamente bom, grande ou espirituoso senão tanto, quanto elle apresenta inflexões suaves, ondulações ligeras ou entalhes mais ou menos marcados. Elle accrescenta: Onde não encontrarides uma pequena inclinação, uma especie de profundez na passagem da testa ao nariz, não esperai descobrir o menor caracter de nobreza e grandeza.*

Os Persas ligavão tanta importancia ao caracter de que fallamos, ao nariz aquilino ou muito elevado, que não terião voluntariamente reconhecido, como seu Rei, um principe que delle fosse privado. Eis o porque os eunucos erão especialmente encarregados de amassar o nariz das jovens altezas Persianas.

Tem-se notado familias em que um semelhante nariz formava o caracter distinctivo e hereditario; e essa trauzição de uma geração a outra observa-se principalmente entre as classes ociosas e polidas, a quem um estado de constante prosperidade dá o poder de escolher as suas alianças e de gozar de uma vida sem entraves, nem vicissitudes. Justamente essas pessoas, providas de um nariz aquilino dão-se bem raras vezes aos trabalhos corporaes, pelos quaes a organização é quasi sempre modificada: ellas são ordinariamente comprehendoras, e ambiciosas em excesso. A familia dos Borromeos estava em tal cazo e eis o que fazia dizer ao chefe dessa casa, dirigindo-se a um dos seus jovens, parentes ainda mais desinquieto do que todos os outros: «Sede eloquentes e virtuoso quanto poderdes;

tratai de ser sabio, o que se não consegue em um dia; tornai-vos sabio; embora... mas, eu vo-lo peço, meu caro amigo, não tenhais a ambição de ser Santo; a cautionação de vosso primo Carlos arruinou a nossa familia».

Um grande nariz sobrepujado de uma testa larga e proeminente, da qual é separado por uma ligeira chanfradura indica uma viva cobiça do poder; a firme vontade de separar todos os obstaculos e a preserverança necessaria para os combater, mas não a circumspecção que os illude, nem a previzão que os conjura; o de Napoleão era desta ultima especie.

Quando os olhos achão-se quasi de nivel com o nariz, é muy provavel, que o espirito seja fraco, a vontade vacilante e o bom senso nullo.

Achando-se o nariz continuo á testa, sem quebrada ou depressão intermediaria, é quasi sempre o indicador de caprichos pueris, de uma excessiva vaidade e algumas vezes de vicios e de baixeza.

Não ha coisa que torde baixo e rasteiro como a irresistivel necessidade de um poder, que, só por si, não se saberia conquistar. São as ambições subalternas que animão ao despotismo e á tyrannia: tal era o nariz de Narcizo.

Um nariz aquilino annuncia, em geral, altivez e ambição; é o dos bilizos e dos melancolicos. Com o nariz grande, a barba é ordinariamente espessa, os olhos pretos ou pardos, os cabellos pretos e asperos. A mór parte dos grandes politicos, dos mais celebres ambiciosos, e de muitos grandes poetas e illustres prozadores, fizeram-se notar por narizes de uma grande dimensão: Cyro, Constantino, Machiavel, Luiz XI, Catilina, Rabelais, a mór parte dos escriptores do seculo de Luiz XIV, Schiller, Cuvier, etc. etc.

Um nariz mediocre e afilado é indicio de uma viva sensibilidade, de imaginação e de enthusiasmo; algumas vezes de agudeza, habilidade e astucia; tal é o das pessoas neverzas. Contudo vi grossos narizes conselhiarem-se com uma habilidade tamanha que parecião ameaçar os baltuartes da probidade.

Um nariz curto, reforçado, grosso para as ventas, pallido e inchado é a ameaça e muitas vezes signal de um temperamento lymphatico: quasi sempre esses narizes cortados, rente e grossos, associão-se a olhos azues, a boços, grossos e a cabellos loiros; a barba é então ou nenhuma ou fallhada. Narizes semelhantes annuacião pouca energia, pouca constancia e ainda menos juizo, mas não são incompatíveis com um certo grau de memoria e de imaginação; e mesmo, como os

individuos assim conformados são quasi sempre adocentados, preguiçosos e sedentarios, adquirem algumas vezes uma experiencia domestica bastante precoce para se fazerem considerar dos seus como pequenos phenomenos.

(Continúa).

OPALAS E PEROLAS CELEBRES.

Plinio falla com admiracão de uma opala do tamanho de uma avelã, e a historia não deixou de celebrar a do senador Nónius, que soffreu o desterro com enthusiasmo, de preferencia a cédella a Marco Antonio. A fama das opalas data de mais longe. Vemos, que ellas forão conhecidas do poeta Orphéo, o qual assegura que a opala é muito agradável a Deus, e a representa em um dos seus poemas, como um joven de muy agradável semblante.

A perolã não tem uma fama a tal ponto immemorial; mas ha, não obstante mais de vinte seculos, que era na Grecia o mais precioso elemento de um adereço magnifico. Sabe-se tambem que papel ella representou no luxo desordenado dos Romanos. Julio Cezar fez presente a Servilia, mãe de Bruto, de uma perola que tinha custado 1.000.000 de francos. As duas perolas dos brincos de Cleopatra, que lhe vinhão de um rei do Oriente, tinhão custado 5.800.000 francos. Una destas perolas foi a que ella bebeu para alegrar o seu corpulento soldado, como diz Shakspeare: a segunda, foi partida em duas metades para ir ornar as orelhas da Venus do Pantheon.

A maior perola actualmente conhecida na Europa pesa 126 quitates, e foi trazida das Indias occidentaes em 1620 por um habitante de Calais, que della fez presente a El-Rei de Hespanha: como ainda se não pôde encontrar uma que emparelhe, serve de botão do chapéo: a sua fórma é de uma péra regular.

Ha no mundo outra perola mais admiravel, não pela sua redondeza, que é imperfeita, nem pelo seu volume, pois apenas pesa 12 quitates e 1/6; mas porque é tão clara e transparente, diz Tavernier, que quasi-se vê o dia ao travez: está em poder do soberano de Mascate, provincia mais fertil da Arabia feliz.

Maximas e Pensamentos.

Deleita tanto ao bemfeitor a presença do beneficiado, quanto a este desagrada a do primeiro: um faz lembrar a boa acção, o outro recordar a obrigação.

A razão é a luz do mundo moral e intellectual.

Quem diz mal de tudo e de todos, para nada presta.

E' ventura para os bons serem ignorados ou esquecidos pelos máus.

Tres cousas se não recuperão depois de perdidas: vergonha, lealdade e virgindade.

No jogo da vida humana os homens baralhão as cartas, mas é Deus quem as distribue.

Antes de prometter e dar devemos deliberar.

Subi de vagar, chegareis ao alto sem cançar.

A morte que fecha as portas da vida, abre os portões da Eternidade.

M. de Maricá.

CHARADA.

Agua	2
Fogo	2

Nem agua, nem fogo
Eu sou; eu vos juro;
Sou triste vivente
Que as noites, somente
Vagueio no escuro;
Me dão outro nome
Mais adequado,
Conquanto mais feio,
Por causa do brilho
Que occulto em meu seio.

Josefon.

Advertencia.

Prevenimos aos nesses Assignantes das Provincias, cuja assignatura finda no dia 30 do proximo mez de Junho, que, querendo continuar a prestar-nos o seu valioso auxilio, se sirvão mandar reformar as suas assignaturas para não soffrerem interrupção na remessa do Jornal.

Acompanha este n.º 21 uma estampa com figurinos de baile e soirée.

Typ. do Jornal das Senhoras, RUA DO CANO N. 165.

